



ESPECIAL

MUSM - O germe da contestação na UFSM



Cecília: Maio de 68 francês influenciou as reuniões do MUSM

Retomar o passado, se apropriar dele, redimensionando-o no presente. Essa é uma das intenções apresentadas na palestra da professora Cecília Maria Pinto Pires, aposentada do curso de Filosofia da UFSM, e, atualmente, lecionando no curso de pós-graduação em Filosofia da Unisinos. Ela veio a Santa Maria a convite das entidades organizadoras do projeto *Repensar a Universidade*, na segunda etapa, em que foi abordado “o olhar da comunidade sobre a universidade”.

Cecília falou no dia 5 de outubro, penúltimo dia do evento, no Auditório Pécio Reis, que teve a mediação do professor Clovis Guterres, e buscou resgatar uma parte importante da história do Movimento Universitário Santa-Mariense (MUSM).

A professora, que é viúva do professor Sérgio Pires, ambos pioneiros do sindicalismo docente na UFSM, explicou em sua palestra, acompanhada de imagens históricas colocadas em um data

show, que o Movimento Universitário Santa-Mariense surgiu no final da década de 60 influenciado pelos ventos soprados pela rebelião estudantil de maio de 1968, ocorrida na França. Segundo Cecília, o padre Clarindo Redin, da congregação dos palotinos, atualmente morando no Mato Grosso do Sul, foi o grande mentor do movimento em Santa Maria. As ações objetivavam aliar aspectos da fé junto com um pensamento político transformador, que não se curvava à visão autoritária do governo militar, com seus tentáculos dentro da própria universidade. O MUSM só passaria a ser conhecido como tal em meados da década de 70, pois em sua origem era chamado de “Grupo Universitário”.

RESISTÊNCIA- Os encontros do Grupo Universitário eram desenvolvidos, conforme Cecília, através de um convívio litúrgico e político, sendo que o local das reuniões era o antigo porão do Diretório Central dos Estudantes (DCE). A faculdade de Filosofia da UFSM, localizada no antigo prédio da Interamericana, também era um local onde se procurava organizar a consciência da “resistência.” Havia pressões externas ao trabalho concretizado pelo MUSM, que vinham do Exército, e também internas, por parte da administração da própria universidade. Cecília conta que algumas vezes chegaram a ela e a Sérgio Pires ameaças

veladas de expurgo dos quadros da UFSM.

Segundo ela, “nem todos do grupo eram católicos ou cristãos, mas todos estavam unidos por uma visão humanista”. Dos porões do DCE, o MUSM acabou tendo uma sede (rua professor Braga, em frente ao DCE) em função de recursos obtidos pelos padres palotinos junto à entidades alemãs.

O apogeu de atuação do Movimento Universitário de Santa Maria foi em meados da década de 70, sendo que, a partir dos anos 80, houve uma espécie de dispersão das lideranças que atuaram em volta desse coletivo. Cecília Pires diz que “houve uma perda de sentido do MUSM, cuja sede acabou se transformando em um grande pensionato.” Mas ela não lamenta isso e acrescenta que não havia interesse dos participantes do Movimento em disputar o poder institucional, mas sim, refletir, criticar e conscientizar. Segundo Cecília, os objetivos foram alcançados, haja vista a repercussão na opinião pública. Para uma cidade do interior, guardada por quartéis, o alcance foi além do que se podia imaginar, diz a professora. “O MUSM teve o tempo de finitude das questões humanas”, declara filosoficamente Cecília e, sempre, acreditando nas utopias que, segundo ela, “são construídas pelas subjetividades do indivíduo.”

Relação universidade e sociedade

O *Repensar a Universidade- A visão da comunidade*, iniciou no dia 3 de outubro e se estendeu até o dia 6. No primeiro dia, a abordagem referiu-se à interação entre a universidade e a sociedade. Fizeram parte dessa mesa de trabalho, no Auditório Pécio Reis, Esther Elisa Waccholz, que falou sobre o FIMESS- Fórum Integrado do Movimento Estudantil em Saúde de Santa Maria; Vinicius Dalbianco, que falou sobre o NARA- Núcleo de Apoio à Reforma Agrária e, Cícero Santiago, que explanou sobre o Práxis- Coletivo de Educação Popular.

Esther Waccholz ressaltou o FIMESS como sendo um instrumento relevante para “sensibilizar os estudantes sobre a importância do Sistema Único de Saúde”. Já Dalbianco destacou o trabalho do NARA, que tem recebido apoio de diversas entidades em nível nacional, como a Federação dos Estudantes de Agronomia (FEAB). Através do NARA, os estudantes têm conseguido atingir uma outra parcela da sociedade, antes excluída, como é o caso dos agricultores sem-terra. O estudante citou como avanço também na UFSM a criação do NESAF- Núcleo de Estudos e Apoio à Agricultura Familiar.

O professor de História, Cícero Santiago de Oliveira, antes de falar sobre o que é o Práxis, procurou mostrar a filosofia que embasa o “Coletivo de



Esther: importância do SUS



Dalbianco: abrangendo excluídos



Santiago: contra feudos na UFSM

Educação Popular.” A visão que norteia os “educadores populares”, segundo ele, é de que a extensão universitária não pode ser entendida somente como uma “mera prestação de serviços a empresas privadas.” Um dos objetivos do Práxis, segundo Oliveira, é, além de organizar grupos para discutir Educação Popular, questionar a forma como a universidade estabelece sua relação com a sociedade, em que as prioridades em áreas como a pesquisa e a extensão não são definidas pela maioria da sociedade, mas por pequenos feudos que representam interesses particulares.